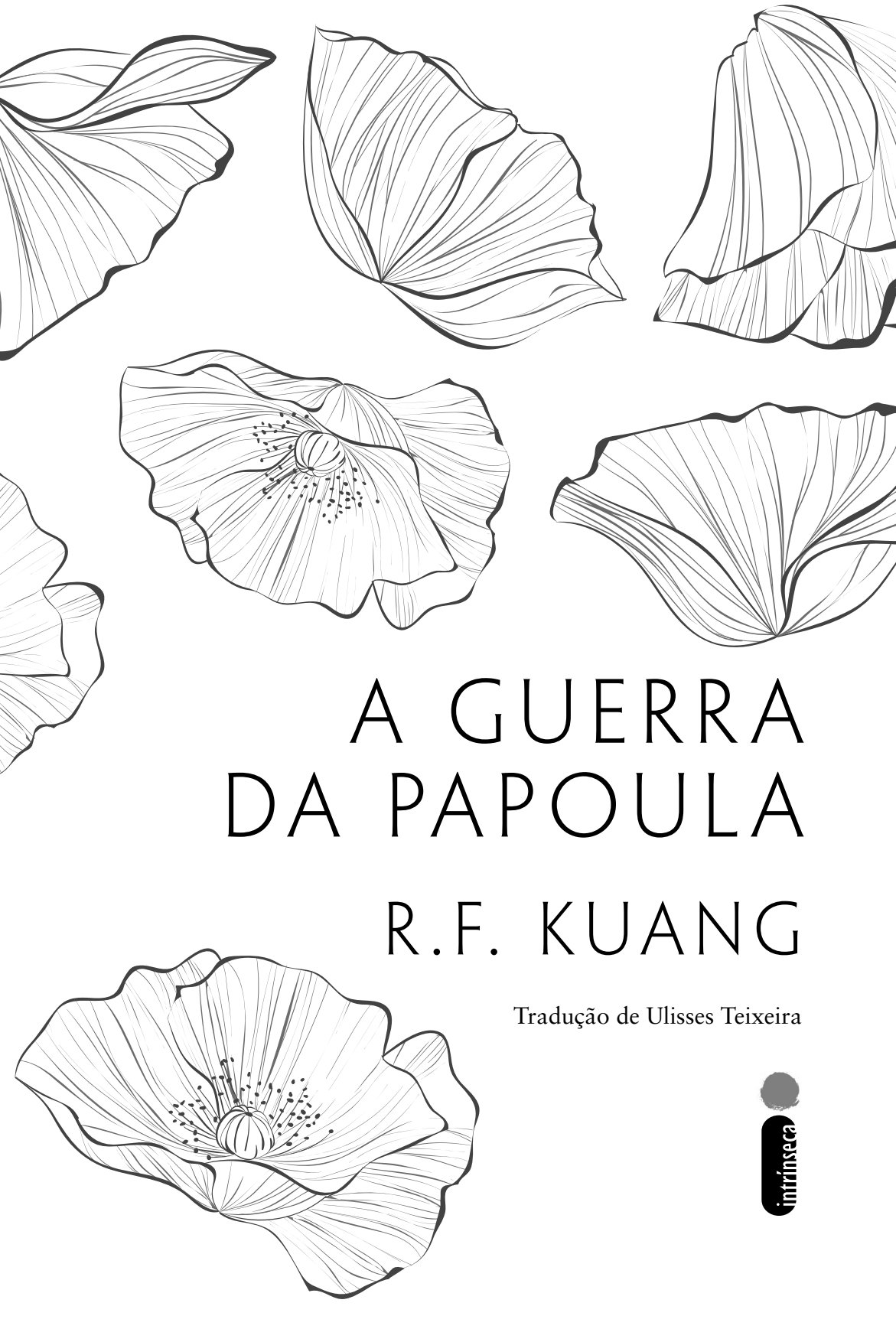


A
GUERRA
DA
PAPOULA

R.F. KUANG





A GUERRA DA PAPOULA

R.F. KUANG

Tradução de Ulisses Teixeira



Copyright © 2018 by Rebecca Kuang

TÍTULO ORIGINAL
The Poppy War

PREPARAÇÃO
Ana Beatriz Omuro

REVISÃO
Victor Almeida
Thais Carvas

LEITURA SENSÍVEL
Diana Passy

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO
Sudarat Wilairat / Vecteezy (papoulas nas páginas 2, 3, 6 e nas aberturas de capítulo) e Freepik (fumaça nas aberturas de parte)

MAPA
Eric Gunther

ADAPTAÇÃO DO MAPA
Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA
Dominic Forbes © HarperCollinsPublishers Ltd 2018

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Anderson Junqueira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© JungShan

IMAGENS DE CAPA
Kasha_malasha / Shutterstock (círculo laranja na logo)
Komsan Loonprom / Shutterstock (fumaça do verso)
Ohm2499 / Shutterstock (fumaça do verso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96g

Kuang, R.F., 1996-
A guerra da papoula / R.F. Kuang ; tradução Ulisses Teixeira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
512 p. ; 23 cm. (A guerra da papoula ; 1)

Tradução de: The poppy war
ISBN 978-65-5560-434-4

1. Ficção chinesa. I. Teixeira, Ulisses. II. Título. III. Série.

22-77626

CDD: 895.13
CDU: 82-3(510)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

ALERTA DE GATILHO

Este livro contém cenas de violência, tortura, estupro, abuso sexual envolvendo menores e consumo de drogas ilícitas.

Esse é para Iris



CAPÍTULO 1

— Tire a roupa.

Rin piscou, confusa.

— Hã?

O fiscal ergueu o olhar do livreto para ela.

— Protocolo para prevenção de cola. — Com um gesto, ele indicou a fiscal do outro lado da sala. — Pode fazer com ela, se quiser.

Rin cruzou os braços e caminhou até a outra fiscal, que a conduziu para trás de uma divisória, onde foi minuciosamente revistada para garantir que não havia nada escondido em qualquer orifício. Em seguida, entregaram-lhe uma bata azul bem simples.

— Vista isso — ordenou a mulher.

— Preciso mesmo?

Os dentes de Rin tremiam conforme se despia. A bata do exame era larga demais, com mangas tão longas que ela precisou dobrá-las diversas vezes.

— Sim. — A fiscal indicou um banco em que Rin deveria se sentar. — No ano passado, doze estudantes foram flagrados com papéis costurados no forro das camisas. É uma precaução. Abra a boca.

Rin obedeceu.

A mulher cutucou a língua dela com uma vareta fina.

— Nenhuma descoloração. Isso é bom. Abra bem os olhos.

— Por que alguém se drogaria *antes* de fazer o teste? — perguntou Rin, enquanto a fiscal puxava suas pálpebras. Ela não respondeu.

Satisfeita, a fiscal mandou Rin seguir pelo corredor onde outros candidatos esperavam numa fila desorganizada, com as mãos vazias e os rostos rígidos de ansiedade. Ninguém havia levado material para o teste — mesmo canetas poderiam esconder pergaminhos com respostas.

— Deixem as mãos onde possamos vê-las — ordenou o fiscal, caminhando até o início da fila. — As mangas devem ficar dobradas acima dos cotovelos. Deste momento em diante, estão proibidos de conversar entre si. Se precisarem urinar, levantem a mão. Há um balde nos fundos da sala.

— E se eu precisar cagar? — perguntou um garoto.

O fiscal o encarou.

— O teste leva doze horas — insistiu o garoto, preocupado.

O homem deu de ombros.

— Tente ser discreto.

Rin passara a manhã nervosa demais para comer qualquer coisa. Ficava enjoada só de pensar em comida. Sua bexiga e seu intestino estavam vazios. Apenas o cérebro estava cheio, repleto de uma quantidade insana de fórmulas matemáticas, poemas, tratados e datas históricas prontas para serem despejadas no livreto do teste. Ela estava preparada.

Cabiam cem estudantes na sala do exame. As carteiras tinham sido dispostas em fileiras organizadas de dez e, em cada uma, havia o livreto grosso da prova, um pote de nanquim e um pincel de caligrafia.

A maioria das províncias de Nikan precisava usar o prédio da prefeitura para acomodar os milhares de estudantes que prestavam o exame todo ano. Mas o vilarejo de Tikany, na Província do Galo, era formado por fazendeiros e camponeses. As famílias de lá necessitavam de mão de obra nos campos, não de fedelhos com educação universitária. O exame no vilarejo ocupava só uma sala de aula.

Rin entrou no cômodo com os outros candidatos e tomou o assento que lhe fora designado. Pensou em como deviam parecer vistos de cima: quadrados uniformes de cabelo preto, batas azuis e mesas marrons. Imaginou estudantes multiplicados em salas de aula idênticas pelo país naquele exato momento, observando o relógio de água com uma expectativa nervosa.

Os dentes de Rin batiam sem parar num ritmo que todos certamente ouviam, e não era apenas por causa do frio. Ela fechou bem a mandíbula, mas o tremor se espalhou para as mãos e os pés. O pincel sacudia em sua mão, salpicando gotas de tinta no tampo da carteira.

Ela firmou os dedos e escreveu o nome completo na capa do livreto: *Fang Runin*.

Rin não era a única com os nervos em frangalhos. Já ouvia alguém vomitando no balde nos fundos da sala.

Ela apertou o punho, os dedos se fechando sobre as pálidas cicatrizes de queimadura, e inspirou fundo. *Concentre-se.*

No canto da sala, o relógio de água fez um som suave.

— Comecem — instruiu o fiscal.

Cem livretos de teste foram abertos ao mesmo tempo, produzindo um som de asas, como uma revoada de pardais alçando voo.

Dois anos antes, no dia em que a magistratura de Tikany determinara arbitrariamente ser o décimo quarto aniversário de Rin, seus pais adotivos a chamaram em seus aposentos.

Aquilo quase nunca acontecia. Os Fang preferiam ignorar Rin quando não tinham uma tarefa para ela, ocasiões em que se dirigiam à menina como quem dá ordens a um cachorro. *Feche a loja. Coloque a roupa para secar. Leve esse saco de ópio para os vizinhos e não saia de lá até arrancar deles o dobro do que pagamos.*

Uma mulher que Rin nunca tinha visto estava sentada na cadeira dos convidados, seu rosto coberto com o que parecia farinha de arroz e montinhos de cor nos lábios e nas pálpebras. Ela usava um vestido lilás brilhante, com estampa de flor de ameixeira, cujo corte seria mais apropriado para alguém muito mais jovem. Sua silhueta quadrada se espremia pelas laterais do vestido como um saco de grãos.

— Essa é a garota? — perguntou a mulher. — Hum. Ela é um pouco escura. O inspetor não vai se incomodar, mas o preço sofrerá uma pequena redução.

Rin teve uma suspeita súbita e apavorante.

— Quem é você?

— Sente-se, Rin — instruiu Tio Fang, esticando a mão com aparência de couro para forçá-la a obedecer.

No mesmo instante, Rin deu meia-volta e tentou fugir. Tia Fang agarrou seu braço e, após uma breve luta, a menina foi dominada e arrastada para a cadeira.

— Eu não vou para um bordel! — gritou.

— Ela não é do bordel, sua idiota — retrucou Tia Fang, ríspida. — Sente-se e demonstre respeito pela Casamenteira Liew.

A mulher continuava plácida, como se ouvisse acusações de tráfico sexual com frequência.

— Você é uma menina muito sortuda, minha querida — começou ela. Sua voz era vibrante e tinha uma falsa doçura. — Quer saber por quê?

Rin apertou as bordas da cadeira e encarou seus lábios vermelhos.

— Não.

O sorriso da Casamenteira Liew enrijeceu.

— Que menina encantadora.

Após uma longa e árdua pesquisa, a casamenteira havia encontrado um homem em Tikany disposto a se casar com Rin: um mercador rico que vivia da importação de orelhas de porco e barbatanas de tubarão. Ele tinha o triplo da idade dela e havia se divorciado duas vezes.

— Não é ótimo? — finalizou a Casamenteira Liew, sorrindo.

Rin correu para a porta. Não dera nem dois passos quando sentiu a mão da Tia Fang agarrar seu pulso.

Sabia o que aconteceria. Ela se preparou para o golpe — chutes na costela, onde os hematomas ficariam escondidos —, mas Tia Fang apenas a puxou de volta para a cadeira.

— *Comporte-se* — sussurrou, os dentes cerrados prometendo que o castigo viria mais tarde. Mas não ali, não na frente da Casamenteira Liew.

Tia Fang mantinha sua crueldade em família.

A mulher piscou, alheia a tudo aquilo.

— Não tenha medo, querida. É uma coisa boa!

Rin estava tonta. Ela se virou para os pais adotivos, esforçando-se para manter a voz baixa.

— Achei que precisavam da minha ajuda na loja. — Foi a única coisa que conseguiu pensar em dizer.

— Kesegi pode cuidar da loja — respondeu Tia Fang.

— Ele tem *oito* anos.

— Logo vai crescer. — Os olhos da Tia Fang brilharam. — Além disso, seu futuro marido é o inspetor de importações do vilarejo.

Rin compreendeu. Os Fang estavam fazendo um acordo: uma órfã adotada em troca do monopólio do mercado clandestino de ópio em Tikany.

Tio Fang deu uma longa baforada no cachimbo e expirou, espalhando uma fumaça densa e enjoativa pelo cômodo.

— Ele é rico. Você será feliz.

Não, os *Fang* seriam felizes. Poderiam importar ópio em grandes quantidades sem precisar pagar propina. Mas Rin continuou de boca fechada — discutir só resultaria em dor. Não havia dúvidas de que seria obrigada a se casar nem que tivesse que ser arrastada até o leito nupcial.

Os *Fang* nunca quiseram Rin. Pegaram-na ainda bebê por causa da ordem da Imperatriz que forçava famílias com menos de três filhos a adotar órfãos da Segunda Guerra da Papoula que, de outra forma, se tornariam ladrões e mendigos.

Como o infanticídio não era bem-visto em Tikany, assim que Rin aprendeu a somar e subtrair, os *Fang* a colocaram para cuidar da loja e entregar ópio. Porém, mesmo com a mão de obra gratuita, os custos para mantê-la e alimentá-la eram mais altos do que gostariam. Aquela era uma oportunidade de se livrarem do fardo financeiro que ela representava.

O mercador arcaria com a alimentação e as roupas de Rin pelo resto da vida, explicou a Casamenteira Liew. Ela só precisaria ser uma boa esposa: servi-lo carinhosamente, parir seus filhos e cuidar da casa (que, como a Casamenteira Liew apontou, tinha não apenas um, mas *dois* banheiros). Era uma proposta excelente para uma órfã de guerra sem família ou conexões.

Um marido para Rin, dinheiro para a casamenteira e drogas para os *Fang*.

— Uau — disse a menina em voz baixa. O chão parecia oscilar sob seus pés. — Isso é ótimo. De verdade. Incrível.

A Casamenteira Liew sorriu outra vez.

Rin escondeu o pânico e manteve a respiração estável até a mulher ser levada para a porta. Depois, curvou-se para os *Fang*, como uma filha adotiva obediente, e agradeceu pelo trabalho que haviam tido para lhe assegurar um futuro estável.

Voltou para a loja e trabalhou em silêncio até tarde. Atendeu a pedidos, preencheu o inventário e marcou novas encomendas no livro diário.

O problema do inventário era que ela precisava tomar muito cuidado na hora de escrever os números. Era muito fácil fazer um nove parecer um oito. E ainda mais fácil fazer o número um parecer um sete...

Bem depois do anoitecer, Rin fechou a loja e trancou a porta.

Então enfiou um pacote de ópio roubado embaixo da camisa e correu.

— Rin? — Um homem pequeno e cheio de rugas abriu a porta da biblioteca e a encarou. — Grande Tartaruga! Por que veio aqui? Está caindo um aguaceiro.

— Vim devolver um livro — explicou a menina, com uma sacola impermeável nas mãos. — Além disso, vou me casar.

— Ah. Ah! Como é? Entre.

O Tutor Feyrik dava aulas gratuitas ao cair da noite para as crianças camponesas de Tikany, que, sem o auxílio dele, permaneceriam analfabetas. Rin confiava mais nele do que em qualquer outra pessoa e sabia suas fraquezas melhor do que ninguém.

O que o tornava fundamental para seu plano de fuga.

— O vaso sumiu — observou ela ao entrar na biblioteca apertada.

O Tutor Feyrik acendeu uma pequena chama na lareira, colocou duas almofadas no chão e indicou uma para Rin.

— Foi uma decisão ruim. Uma noite ruim, na verdade.

O homem tinha uma infeliz adoração por Divisões, um jogo extremamente popular nos antros de aposta de Tikany e que não ofereceria tanto perigo se ele fosse melhor naquilo.

— Não faz sentido — disse o Tutor Feyrik, após Rin contar sobre a casamenteira. — Por que os Fang arranjariam um casamento? Você não é a principal mão de obra gratuita deles?

— Sim, mas acham que eu seria mais útil na cama do inspetor de importações.

O homem parecia revoltado.

— Seus pais são uns imbecis.

— Então você vai me ajudar — sugeriu Rin, cheia de esperança.

— Minha querida, se sua família tivesse deixado você estudar comigo quando era mais nova, poderíamos ter considerado essa questão... Naquela época, eu *avisei* para os Fang que você tinha potencial. Mas, a esta altura, é impossível.

— Mas...

Ele ergueu a mão.

— Mais de vinte mil estudantes prestam o Keju todo ano e menos de três mil entram nas academias. E só meia dúzia é de Tikany. Você estaria

competindo com crianças ricas, filhos de mercadores e nobres, que passaram a vida inteira estudando para o teste.

— Mas eu tive aulas com você também. Não pode ser tão difícil assim. Ao ouvir aquilo, o Tutor Feyrik riu.

— Você sabe ler e usar um ábaco. Esse não é o tipo de instrução necessária para passar no Keju. O exame requer um conhecimento profundo de história, matemática avançada, lógica e os Clássicos...

— As Quatro Disciplinas Nobres, eu sei — interveio a menina, sem paciência. — Mas leio rápido. Conheço mais caracteres do que a maioria dos adultos daqui. Com certeza mais do que os Fang. Posso acompanhar o nível dos seus alunos, se me deixar tentar. Nem preciso ir às aulas de revisão. Só preciso dos livros.

— Ler livros é uma coisa — explicou o tutor. — Preparar-se para o Keju é outra. Meus alunos estudaram a vida inteira para isso. Nove horas por dia, sete dias por semana. Você passa esse tempo trabalhando na loja.

— Posso estudar lá — argumentou Rin.

— Você não tem funções para cumprir?

— Sou boa em, hã, fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Ele a encarou com um olhar cético, então balançou a cabeça.

— Você teria apenas dois anos. É impossível.

— Mas é a minha única opção — insistiu Rin, com a voz estridente.

Em Tikany, uma garota solteira valia menos do que um galo homossexual. Rin poderia passar o resto de sua existência como criada na casa de alguma família rica, se conseguisse subornar as pessoas certas. Caso contrário, suas opções se limitavam a uma mistura de prostituição com mendicância.

Talvez estivesse exagerando, mas nem tanto. Poderia fugir do vilarejo com ópio roubado suficiente para comprar um lugar numa caravana com destino à outra província... mas qual? Não tinha amigos ou família, ninguém para ajudá-la caso fosse roubada ou sequestrada. Não tinha habilidades com as quais ganhar dinheiro. Nunca havia saído de Tikany, não sabia como sobreviver numa cidade.

E se fosse pega com tanto ópio... Posse de ópio era crime capital no Império. Rin seria arrastada e degolada em praça pública, mais uma baixa da fútil guerra às drogas da Imperatriz.

Na verdade, ela só tinha uma opção: convencer o Tutor Feyrik.

Ergueu o livro que tinha ido lá entregar.

— *Reflexões sobre a política*, de Mengzi. Só fiquei com ele por três dias, certo?

— Sim — respondeu o homem, sem checar o livro de registros.

Ela o colocou nas mãos do tutor.

— Leia um trecho. Qualquer um.

O Tutor Feyrik ainda parecia cético, mas folheou o livro para fazer a vontade da garota.

— A sensação de comiseração é o princípio da...

— Benevolência — completou Rin. — A sensação de vergonha e desgosto é o princípio da retidão. A sensação de modéstia e complacência é o princípio da... hã... decência. E a sensação de aprovação e desaprovação é o princípio do conhecimento.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— E o que isso significa?

— Não faço a mínima ideia — admitiu Rin. — Para falar a verdade, não entendi nada de Mengzi. Apenas decorei.

Ele foi até o final do livro, selecionou outra passagem e leu:

— A ordem está presente no reino mundano quando todos os seres compreendem seus lugares. Todos os seres compreendem seus lugares quando cumprem os papéis que lhes foram dados. O peixe não tenta voar. A doninha não tenta nadar. Apenas quando cada ser respeitar a ordem celestial haverá paz. — Ele fechou o livro e ergueu o olhar. — E essa parte? Entende o que significa?

Rin sabia o que o Tutor Feyrik estava tentando provar.

Os nikaras acreditavam em papéis sociais bastante definidos, uma hierarquia rígida a que todos estavam presos desde o nascimento. Tudo tinha o seu lugar sob o céu. Principelhos se tornavam líderes militares regionais, cadetes se tornavam soldados e órfãs que trabalhavam em lojas de Tikany deveriam se contentar em permanecer órfãs que trabalhavam em lojas de Tikany. O Keju era uma prova supostamente meritocrática, mas apenas a elite tinha o dinheiro necessário para bancar os professores de que seus filhos precisavam para passar.

Bem, foda-se a ordem celestial das coisas. Se casar com um velho nojento era o papel predeterminado de Rin nesta Terra, ela estava decidida a reescrevê-lo.

— Significa que sou muito boa em memorizar trechos enormes de baboseiras — respondeu.

O Tutor Feyrik ficou em silêncio por um momento.

— Você não tem memória eidética — anunciou, por fim. — Fui eu que a ensinei a ler. Saberá se tivesse.

— Não tenho — reconheceu Rin. — Mas sou teimosa, estudo muito e não quero mesmo me casar. Levei três dias para decorar Mengzi. É um livro pequeno, então talvez precise de uma semana para os textos maiores. Quantos livros há na lista do Keju? Vinte? Trinta?

— Vinte e sete.

— Então vou memorizar cada um deles. Essa é a única coisa necessária para passar. O senhor mesmo me falou que as outras disciplinas não são tão difíceis, que são os Clássicos que pegam as pessoas.

O Tutor Feyrik semicerrou os olhos. Sua expressão não estava mais cética, e sim calculista. Rin conhecia aquele olhar. Era o mesmo de quando ele tentava prever os lucros que teria nas Divisões.

Em Nikan, o sucesso de um tutor estava ligado à sua reputação, que dependia dos resultados no Keju. Um tutor atraía clientes quando seus alunos entravam numa academia. Mais estudantes significava mais dinheiro e, para um apostador endividado como o Tutor Feyrik, cada novo aluno era importante. Se Rin entrasse numa academia, a consequente afluência de estudantes poderia livrá-lo de algumas dívidas bem cabeludas.

— Poucos alunos se matricularam este ano, não foi? — comentou Rin, pressionando o homem.

Ele sorriu.

— Choveu pouco este ano. Claro que não tive muitas matrículas. São poucas as famílias dispostas a pagar pelos estudos dos filhos que mal têm chance de serem aprovados.

— Mas eu tenho — argumentou Rin. — E, quando eu passar, você terá uma aluna aprovada numa academia. Como acha que isso vai influenciar as matrículas?

Ele balançou a cabeça.

— Rin, eu não poderia aceitar o seu dinheiro nem se quisesse.

Aquele era um segundo empecilho. Ela tomou coragem e o encarou.

— Não tem problema. Não posso pagar mesmo.

O homem ficou visivelmente chocado.

— Não faço um tostão na loja — explicou Rin, antes que ele pudesse falar alguma coisa. — O estoque não é meu. Não ganho ordenado. Preciso que me ajude a estudar para o Keju de graça e com o dobro da velocidade com que treina os outros alunos.

O Tutor Feyrik voltou a balançar a cabeça.

— Minha querida, não posso... Isso é...

Era hora de mostrar seu último trunfo. Rin colocou a sacola de couro na mesa, acertando o tampo com uma pancada forte e satisfatória.

Os olhos do Tutor Feyrik seguiram seus movimentos com avidez. Ela enfiou a mão na sacola e retirou de lá um pacote pesado com cheiro doce. E depois outro. E mais um.

— Seis taéis de ópio de primeira — anunciou, calmamente.

Seis taéis deviam ser metade do que o Tutor Feyrik ganhava num ano inteiro.

— Você roubou isso dos Fang — acusou ele, preocupado.

Rin deu de ombros.

— Contrabando é um negócio complicado. Os Fang conhecem os riscos. Pacotes desaparecem o tempo inteiro. Eles mal conseguem manter o magistrado a par de tudo.

O tutor enrolou seus longos bigodes.

— Não quero problemas com os Fang.

Ele tinha razão em temê-los. Os moradores de Tikany não pisavam no calo da Tia Fang se quisessem manter a própria segurança. Aquela mulher era paciente e imprevisível, como uma cobra. Às vezes, ignorava falhas por anos e então atacava com uma dose de veneno bem injetada.

Mas Rin havia coberto os próprios rastros.

— Um dos carregamentos foi confiscado pelas autoridades portuárias na semana passada — explicou. — E ela ainda não teve tempo de fazer o inventário. Então marquei esses pacotes como perdidos. Tia Fang não consegue rastreá-los.

— Ainda podem bater em você.

— Mas não com muita força. — Rin se obrigou a dar de ombros. — Afinal, não podem passar para a frente mercadoria danificada.

O Tutor Feyrik encarava a sacola com evidente cobiça.

— Fechado — concordou por fim, partindo para cima do ópio.

Rin tirou os pacotes do alcance dele.

— Quatro condições. Primeira, você me dá aulas. Segunda, me dá aulas de graça. Terceira, não fuma enquanto estiver me dando aulas. E quarta, se contar para qualquer um onde conseguiu isso, aviso para seus credores onde você mora.

O Tutor Feyrik a observou por um longo momento, então assentiu.

Rin pigarreou.

— Ah, e também quero ficar com esse livro.

O homem lhe lançou um sorriso seco.

— Você seria *mesmo* uma prostituta terrível. Não tem um pingão de charme.

— Não — rebateu Tia Fang. — Precisamos de você na loja.

— Eu estudo à noite — argumentou Rin. — Ou nas horas de folga.

Tia Fang fechou o rosto, esfregando a wok. Tudo nela era bruto: sua expressão de impaciência e irritação, seus dedos vermelhos pelas horas passadas fazendo faxina e lavando roupa, sua voz rouca de gritar (com Rin, com o filho, Kesegi, com os contrabandistas que contratava, com Tio Fang, deitado inerte no quarto cheio de fumaça).

— O que prometeu a ele? — perguntou Tia Fang, desconfiada.

Rin enrijeceu.

— Nada.

De súbito, a mulher bateu com a wok no balcão. Rin se retraiu, temendo que seu roubo tivesse sido descoberto.

— Qual é o problema em se casar? — questionou a mulher. — Quando me casei com seu tio, era mais nova do que você. Todas as meninas deste vilarejo estarão casadas aos dezesseis anos. Por acaso se acha melhor do que elas?

Rin foi tomada por um alívio tão grande que precisou se lembrar de parecer ofendida.

— Não. Quer dizer, não, não acho.

— Pensa que vai ser tão ruim assim? — insistiu a tia, sua voz perigosamente baixa. — Seja sincera, qual é o problema? Está com medo de dividir a cama com ele?

Rin nem sequer havia considerado a questão, mas sua garganta fechou só de pensar naquilo.

Tia Fang curvou os lábios, divertindo-se com a reação da menina.

— A primeira noite é a pior, isso eu admito. Coloque um chumaço de algodão na boca para não morder a língua. Não grite, a não ser que ele queira. Mantenha a cabeça abaixada e faça o que seu marido mandar. Torne-se uma escravinha muda até ele começar a confiar em você. Então, ofereça-lhe ópio. Só um pouquinho no início, embora eu duvide que ele nunca tenha fumado antes. E vá aumentando a dose todo dia. Faça isso à noite, depois de ele ter terminado com você, para que sempre associe o ópio com prazer e poder. Continue dando ópio até seu marido ficar dependente da droga e de você. Deixe que destrua o corpo e a mente dele. Sim, será como estar casada com um cadáver que ainda respira, mas você ficará com a riqueza, as propriedades e o poder. — Ela inclinou a cabeça. — Depois disso, será tão ruim assim dividir a cama com ele?

Rin sentia vontade de vomitar.

— Mas eu...

— É dos filhos que tem medo? — Tia Fang ergueu o rosto. — Há maneiras de matá-los no ventre. Você trabalha num boticário, sabe bem disso. Mas é melhor dar ao menos um filho ao seu marido, para fortalecer sua posição como primeira esposa e evitar que ele gaste tudo que tem numa concubina.

— Mas não quero nada disso — protestou Rin, a voz estrangulada. *Não quero ser como você.*

— Quem se importa com o que você quer? — perguntou Tia Fang, baixinho. — Você é uma *órfã de guerra*. Sem pais, renome ou conexões. Tem sorte de o inspetor não se importar com que não seja bonita, desde que seja jovem. É o melhor que posso fazer por você. Não terá outra chance.

— Mas o Keju...

— *Mas o Keju* — imitou Tia Fang. — Quando começou a se iludir tanto? Acha *mesmo* que vai entrar numa academia?

— Acho, sim — respondeu Rin, endireitando a coluna e tentando injetar confiança nas palavras. *Calma. Você ainda tem vantagem.* — E você vai deixar. Porque um dia as autoridades podem começar a se perguntar de onde vem o ópio.

Tia Fang a examinou por um longo momento.

— Você quer morrer? — perguntou.

Rin sabia que aquela não era uma ameaça vazia. Tia Fang não deixava pontas soltas. Rin já a vira se livrar delas e passara a maior parte da vida empenhada em *não* se tornar uma ponta solta.

Mas, naquele momento, tinha como revidar.

— Se eu desaparecer, o Tutor Feyrik vai contar às autoridades exatamente o que aconteceu comigo — anunciou, elevando a voz. — E vai contar ao seu filho o que você fez.

— Kesegi não vai se importar — zombou Tia Fang.

— Eu o criei. Ele me ama — respondeu Rin. — E você o ama. Não quer que descubra o que você faz da vida. É por isso que nunca o manda ir à loja. E é por isso que me faz mantê-lo no nosso quarto quando sai para encontrar seus contrabandistas.

Aquilo surtiu efeito. Tia Fang a encarou boquiaberta, as narinas dilatadas.

— Deixa eu tentar, pelo menos — pediu a menina. — Meus estudos não vão atrapalhar. Se eu passar, vai se livrar de mim... Se eu não passar, ainda vai ter uma noiva.

Tia Fang agarrou a wok. Rin ficou tensa por instinto, mas a mulher apenas voltou a limpar a panela com mais força.

— Se estudar na loja, boto você para fora de casa — avisou Tia Fang. — E não quero que o inspetor fique sabendo de nada disso.

— De acordo — mentiu Rin, entre os dentes.

A tia bufou.

— Aliás, se passar, como vai fazer? Quem vai pagar sua matrícula? Seu querido e pobre tutor?

Rin hesitou. Nutrira a esperança de que os Fang lhe dessem o dinheiro do dote para custear a matrícula, mas percebeu que tinha sido uma ideia idiota.

— A matrícula na Sinegard é gratuita — informou a menina.

Tia Fang gargalhou.

— Sinegard! Você acha que vai entrar na Sinegard?

Rin ergueu o queixo.

— Eu consigo.

A academia militar de Sinegard era a instituição mais prestigiosa do Império, responsável pelo treinamento de futuros generais e estadistas. Quase nunca recrutava estudantes do sul rural, se é que já havia recrutado algum.

— Você está *mesmo* louca — disse Tia Fang, bufando mais uma vez.
— Pois bem. Estude à vontade, se isso deixa você feliz. Faça o Keju. Mas, quando reprovar, *vai* se casar com o inspetor. E ficar grata por isso.

Naquela noite, segurando uma vela roubada no chão do quarto abarrotado que dividia com Kesegi, Rin abriu seu primeiro livro do Keju.

O exame abordava as Quatro Disciplinas Nobres: história, matemática, lógica e os Clássicos. Os burocratas imperiais de Sineward as consideravam integrais para o desenvolvimento de um erudito e de um estadista. Rin precisava aprender tudo aquilo até completar dezesseis anos.

Havia elaborado um cronograma apertado para si mesma: decorar ao menos dois livros por semana e alternar entre duas disciplinas por dia. Depois de fechar a loja, corria até a residência do Tutor Feyrik e voltava para casa com os braços carregados de livros.

História era o assunto mais fácil de aprender, porque o passado de Nikan consistia em uma saga envolvente de guerras constantes. O Império tinha se formado havia mil anos, sob a poderosa espada do impiedoso Imperador Vermelho, que havia destruído as ordens monásticas espalhadas pelo continente e criado um estado unificado de proporções jamais vistas. O povo nikara se enxergara como uma só nação pela primeira vez. O Imperador Vermelho uniformizara o idioma nikara, determinara um conjunto padrão de medidas de peso e distância e construíra um sistema de estradas que conectava seu vasto território.

No entanto, o recém-formado Império Nikara não sobreviveu à morte do Imperador Vermelho. Seus diversos herdeiros fizeram o país cair num tumulto sangrento durante a Era dos Estados Beligerantes, o que levou à divisão de Nikan em doze províncias rivais.

Desde então, o gigantesco país havia sido reunificado, conquistado, explorado, dividido e então reunificado de novo. Nikan entrara em guerra com os khans das Terras Remotas, ao norte, e com os ocidentais altos vindos do outro lado do mar extenso. Em ambas ocasiões, Nikan se provara grande demais para sofrer uma ocupação estrangeira por muito tempo.

De todas as nações que tentaram conquistar Nikan, a Federação de Mugen foi a que chegou mais perto. O país insular atacara Nikan no auge dos conflitos domésticos entre as províncias. Foram necessárias

duas Guerras da Papoula e cinquenta anos de ocupação sangrenta para Nikan recuperar sua independência.

A Imperatriz Su Daji, a última integrante viva da trindade que chegara ao poder durante a Segunda Guerra da Papoula, governava uma nação de doze províncias que nunca chegou perto de atingir a mesma integração imposta pelo Imperador Vermelho.

Ao longo da história, o Império Nikara se provara incontestável. Mas também era instável e desunido, e o momento atual de paz não continha qualquer promessa de durabilidade.

Se havia uma coisa que Rin aprendera sobre a história de seu país era que a única coisa permanente no Império Nikara era a guerra.

A segunda disciplina, matemática, era árdua. Não por ser desafiadora, mas por ser entediante e cansativa. O Keju não buscava selecionar gênios matemáticos, apenas estudantes que conseguiriam manter as contas e os livros-caixa da nação em ordem. Rin cuidava das finanças dos Fang desde que aprendera a somar e subtrair. Tinha uma aptidão natural para fazer malabarismos com grandes quantidades de dinheiro. Precisava se esforçar nos teoremas mais abstratos da trigonometria, que supunha serem importantes em batalhas navais, mas havia descoberto que eram deliciosamente simples de aprender.

A terceira disciplina, lógica, era completamente estranha a ela. O Keju apresentava enigmas lógicos como questões discursivas. Rin pegou um teste de exemplo para praticar. A primeira pergunta era: “Um sábio viajando por uma estrada bastante movimentada passa por uma pereira. A árvore está tão carregada de frutas que os galhos envergam com o peso. Ainda assim, ele não pega nenhuma. Por quê?”

Porque a pereira não é dele, pensou Rin na mesma hora. *Porque a árvore pode ser da Tia Fang, que arrebitaria a cara dele com uma pá.* Mas nenhuma dessas respostas tinha um contexto moral ou contingente. A resposta para o enigma precisava estar contida na própria pergunta. Devia haver alguma falha, alguma contradição no cenário apresentado.

Rin precisou pensar muito antes de chegar à resposta: *Se uma árvore numa estrada bastante movimentada está com tantos frutos, deve haver algo de errado com eles.*

Quanto mais praticava, mais encarava as questões como jogos. Desvendá-las era recompensador. Rin desenhou diagramas na terra, estudou

as estruturas dos silogismos e decorou as falácias lógicas mais comuns. Em poucos meses, conseguia responder àquele tipo de pergunta em segundos.

A pior matéria, de longe, eram os Clássicos. Eram a exceção no seu cronograma circular. Precisava estudá-los todo dia.

Essa parte do exame pedia que os alunos recitassem, analisassem e comparassem textos de um cânone predeterminado de vinte e sete livros. Não haviam sido escritos na linguagem moderna, mas em nikara antigo, idioma famoso pelos padrões gramaticais imprevisíveis e pelas pronúncias complicadas. Dentre os textos, havia poemas, tratados filosóficos e ensaios sobre política escritos por eruditos lendários do passado de Nikan. Foram feitos para moldar o caráter moral dos futuros estadistas da nação e eram todos, sem exceção, imensamente confusos.

Ao contrário do que acontecia com lógica e matemática, Rin não conseguia usar seu raciocínio para entender os Clássicos. Eles exigiam uma base de conhecimento que a maioria dos alunos construía aos poucos a partir do momento em que aprendia a ler. Ela tinha só dois anos para simular mais de cinco anos de estudos constantes.

Então realizou feitos extraordinários de decoreba.

Recitava os textos de trás para a frente enquanto percorria as muralhas que cercavam Tikany. Declamava-os com o dobro da velocidade ao pular de tábua em tábua na ponte sobre o lago. Murmurava-os para si mesma na loja, irritando-se cada vez que os clientes pediam sua ajuda. Rin não se permitia dormir até proferir as lições do dia sem errar nada. Acordava entoando o *Analectos* clássico, o que deixava Kesegi apavorado, pensando que ela tinha sido possuída por espíritos. E, de certa forma, ele tinha razão: Rin sonhava com poemas antigos em vozes havia muito mortas e acordava tremendo após pesadelos em que errava sua enunciação.

O Caminho Celestial opera de maneira incessante e não deixa acúmulos de sua influência em lugar algum, de forma que todas as coisas são trazidas à perfeição por ele... É assim que o Caminho opera, e todas as coisas sob o céu se voltam a ele, e todas as coisas nos mares se submetem a ele.

Rin baixou os *Anais*, de Zhuangzi, e franziu o cenho. Não fazia a mínima ideia sobre o que ele estava falando. Além disso, não conseguia

entender por que o autor insistia em escrever da maneira mais verborrágica e irritante possível.

Ela compreendia pouco do que lia. Até mesmo os eruditos da montanha Yuelu tinham dificuldade de entender os Clássicos, então não podiam esperar que ela absorvesse aquele conteúdo sozinha. E como não tinha o tempo ou a prática para se aprofundar nos textos — e tampouco conseguia pensar em técnicas mnemônicas úteis ou atalhos para aprendê-los —, teria que decorá-los palavra por palavra e torcer para que isso fosse suficiente.

Caminhava sempre com um livro. Estudava enquanto comia. Quando era tomada pelo cansaço, contava para si mesma a história do pior futuro possível.

Você caminha até o altar tremendo e usando um vestido que não serve direito. Ele está esperando. Olha para você como se fosse um porco gordo e suculento, um pedaço de carne de primeira que quer comprar. Ele passa a língua nos lábios secos. Não desvia o olhar durante todo o banquete. Quando acaba, você é levada para o quarto e jogada nos lençóis.

Rin sentia um calafrio e fechava bem os olhos. Então os reabria e voltava a estudar.

Em seu décimo quinto aniversário, Rin tinha uma vasta quantidade da antiga literatura nikara na cabeça e conseguia recitar a maior parte dos textos de cor. Mas ainda cometia erros: esquecia palavras, trocava cláusulas complexas, embaralhava a ordem dos versos.

Sabia que aquilo seria o suficiente para entrar na faculdade de professores ou na academia de medicina. Suspeitava que até conseguiria entrar no instituto dos eruditos na montanha Yuelu, onde as mentes mais brilhantes de Nikan produziam trabalhos espetaculares de literatura e ponderavam sobre os mistérios do mundo natural.

Mas ela não podia arcar com nenhuma daquelas instituições. *Precisava* passar para Sinegard. Tinha que estar no grupo de alunos com as maiores notas não apenas do vilarejo, mas de todo o país. Caso contrário, seus dois anos de estudo teriam sido em vão.

Precisava tornar a memória perfeita.

Então parou de dormir.

Seus olhos ficaram injetados, inchados. Sentia a cabeça zonga depois de tanto estudo. Certa noite, quando foi buscar um novo conjunto de

livros na casa do Tutor Feyrik, seu olhar estava desesperado, sem foco. Enquanto o homem falava, Rin olhava além dele. As palavras flutuavam acima de sua cabeça como nuvens, e ela mal notava a presença do tutor.

— Rin, olhe para mim.

Ela suspirou e permitiu que os olhos focassem na silhueta difusa.

— Como você está? — perguntou o Tutor Feyrik.

— Não vou conseguir — murmurou ela. — Só tenho mais dois meses e não vou conseguir. Tudo escapa da minha cabeça assim que eu coloco para dentro e...

Seu peito subia e descia em alta velocidade.

— Ah, Rin.

As palavras continuaram jorrando de sua boca, e ela falou sem pensar:

— E se eu não passar? E se acabar me casando, afinal? Acho que poderia matá-lo. Sufocá-lo enquanto estivesse dormindo. Será que herdaria o dinheiro? Seria bom, não acha? — Rin começou a rir, histérica. Lágrimas escorriam por suas bochechas. — E seria mais fácil do que dopá-lo. *Ninguém* saberia.

O Tutor Feyrik se levantou e puxou um banco para ela.

— Sente-se, criança.

Rin estremeceu.

— Não posso. Ainda tenho que ler os *Analectos* de Fuzi hoje.

— Runin. Sente-se.

Rin afundou no banquinho. O Tutor Feyrik se acomodou diante dela e pegou suas mãos.

— Vou contar uma história — começou ele. — Há não muito tempo, vivia um sábio de uma família muito pobre. Ele era fraco demais para trabalhar longas horas no campo e só poderia sustentar os pais idosos se ganhasse um cargo no governo com um estipêndio robusto. Para isso, precisava se matricular numa academia. Com seu último ordenado, o sábio comprou um conjunto de livros e se matriculou no Keju. Mas vivia cansado, porque se matava de trabalhar no campo o dia inteiro e só podia estudar à noite.

Rin se esforçava para manter os olhos abertos. Sentia os ombros pesados, e suprimiu um bocejo.

O Tutor Feyrik estalou os dedos na frente dos seus olhos e continuou:

— O sábio precisava encontrar uma maneira de permanecer acordado. Então, pregou a ponta da trança no teto para que, toda vez que

o rosto caísse para a frente, o cabelo fosse puxado e a dor o acordasse. — O tutor sorriu com simpatia. — Você está quase lá, Rin. Só mais um pouquinho. Por favor, não cometa mariticídio.

Mas ela tinha parado de prestar atenção.

— A dor o deixava focado — comentou Rin.

— Não era bem isso que eu estava tentando...

— A dor o deixava focado — repetiu.

A dor poderia deixar *ela* focada.

Então Rin passou a manter uma vela acesa perto dos livros, pingando cera quente em seu braço quando começava a adormecer. Seus olhos se enchem d'água, mas então ela secava as lágrimas e voltava a estudar.

No dia em que prestou o exame, seus braços estavam cobertos de cicatrizes de queimadura.

O Tutor Feyrik perguntou como havia sido o exame, mas Rin não sabia. Dias depois, ainda não conseguia se lembrar das horas horríveis e cansativas. Eram um lapso em sua memória. Quando tentava rememorar a resposta dada para determinada questão, seu cérebro a impedia de reviver aquilo.

Porque Rin não queria reviver aquilo. Não queria pensar no Keju nunca mais.

Em sete dias o resultado sairia. Cada livreto da província precisava ser corrigido uma, duas, três vezes.

Foram dias insuportáveis. Rin mal conseguia dormir. Nos últimos dois anos, seu cotidiano havia sido preenchido com estudos desenfreados. Já não podia fazer mais nada. Seu futuro saíra de suas mãos, e ter consciência disso era aterrorizante.

Sua preocupação estava enlouquecendo todos ao redor. Rin cometeu erros na loja. Bagunçou o inventário. Irritou-se com Kesegi e discutiu com os Fang mais do que deveria.

Em mais de uma ocasião, considerou roubar outro pacote de ópio, para fumar. Ouvira falar de mulheres no vilarejo que haviam cometido suicídio engolindo pedaços inteiros da droga. Nas horas mais sombrias da noite, considerou aquela opção.

Tudo estava em suspenso. Rin se sentia à deriva, toda a sua existência reduzida a uma nota.

Pensou em fazer planos de emergência, em se preparar para fugir do vilarejo caso não passasse. Mas sua mente se recusava a seguir aquela linha de raciocínio. Não conseguia conceber uma vida após o Keju, porque talvez não houvesse vida após o Keju.

Rin sentia tanto desespero que rezou pela primeira vez.

Os Fang não eram religiosos. Quando muito, iam esporadicamente ao templo do vilarejo, na maioria das vezes para trocar pacotes de ópio atrás do altar dourado.

E estavam longe de serem os únicos sem devoção. No passado, as ordens monásticas tinham sido ainda mais influentes do que os chefes militares, mas então o Imperador Vermelho atravessara o continente em sua gloriosa jornada por unificação, deixando um rastro de monges mortos e templos vazios.

As ordens monásticas acabaram, mas os deuses permaneceram: diversas deidades que representavam temas vastos, que iam do amor e da guerra às preocupações mundanas das cozinhas e moradias. Tais tradições eram mantidas por adoradores devotos que vivam escondidos, mas a maior parte dos habitantes de Tikany só frequentava os templos por hábito ritualístico. Ninguém acreditava de verdade. Ou, ao menos, ninguém se atrevia a admitir isso. Para os nikaras, deuses eram relíquias do passado: temas de mitos e lendas, nada além disso.

Mas Rin não queria correr nenhum risco. Certa tarde, escapou da loja mais cedo e levou uma oferenda de bolinhos e raiz de lótus recheada até os pedestais dos Quatro Deuses.

O templo estava silencioso. Naquele horário, ela era a única pessoa ali. Quatro estátuas mudas a encaravam com seus olhos pintados. Rin hesitou diante delas. Não sabia direito para quem rezar.

Conhecia seus nomes, obviamente: o Tigre Branco, a Tartaruga Preta, o Dragão Azul e a Ave Escarlata. Sabia que representavam os quatro pontos cardeais e que eram apenas um subgrupo do enorme panteão de deidades adoradas em Nikan. O templo também tinha santuários para deuses guardiões menores, cujas imagens estavam desenhadas em pergaminhos pendurados nas paredes.

Tantos deuses... Qual seria o deus das notas? Qual seria o deus das garotas que trabalhavam em lojas e queriam continuar solteiras?

Rin decidiu rezar para todos.

— Se vocês existem mesmo, se estão aí em cima, então me ajudem. Por favor, apontem um caminho para escapar dessa merda. Ou, se isso não for possível, façam o inspetor ter um infarto.

Ela olhou ao redor do templo vazio. O que deveria fazer em seguida? Sempre imaginara que rezar fosse mais do que apenas falar em voz alta. Viu diversos incensos espalhados pelo altar. Acendeu um deles no braseiro e experimentou agitá-lo no ar.

Será que deveria manter a fumaça perto dos deuses? Ou deveria inalá-la? Tinha acabado de colocar a ponta em chamas perto do nariz quando um guardião do templo saiu de trás do altar.

Eles se encararam, perplexos.

Devagar, Rin afastou o incenso da narina.

— Oi — disse. — Estou rezando.

— Por favor, saia — pediu o guardião.

O resultado do Keju seria divulgado ao meio-dia em frente à sala do exame.

Rin fechou a loja mais cedo e, acompanhada pelo Tutor Feyrik, foi até o centro do vilarejo com meia hora de antecedência. Uma multidão estava reunida no local, então os dois esperaram numa esquina a cem metros de distância, na sombra.

Havia tantas pessoas perto da sala que Rin não conseguiu ver quando os pergaminhos foram afixados, mas soube que as notas tinham sido apresentadas porque, de repente, todos começaram a gritar. A multidão foi adiante, empurrando Rin e o Tutor Feyrik para seu interior.

O coração de Rin batia tão rápido que ela mal conseguia respirar. Não via nada além das costas das pessoas. Achou que fosse vomitar.

Quando enfim chegou perto do pergaminho, demorou a encontrar o próprio nome. Observou a metade inferior da lista, mal se atrevendo a respirar. Sem dúvida, não havia tirado uma nota boa o suficiente para ficar entre os dez melhores.

Mas não encontrou *Fang Runin* em lugar algum.

Só entendeu o que havia acontecido quando olhou para o Tutor Feyrik e percebeu que ele chorava.

Seu nome estava no topo do pergaminho. Ela não tinha ficado só entre os dez melhores. Tinha sido a melhor de todo o vilarejo. De toda a *província*.

Rin subornara um tutor. Roubara ópio. Queimara seus braços, mentira para os pais adotivos, abandonara suas responsabilidades na loja e rompera um acordo de casamento.

E iria para Sinegard.

A guerra está no coração do Império Nikara, e o ópio corre em suas veias. No passado, os heróis que formaram a Trindade uniram a nação contra a poderosa Federação de Mugen, e acreditava-se que eles caminhavam entre os deuses.

Décadas depois, a paz reina, mas há boatos de que a Terceira Guerra da Papoula pode estourar a qualquer momento, e a academia militar mais prestigiada do Império prepara seus estudantes para o combate: filhos da elite e, inesperadamente, uma órfã de guerra.

Obrigada a se casar com um homem asqueroso, a jovem Rin fez de tudo para reescrever o próprio destino. Estudou para o exame imperial por pura teimosia e, quando conseguiu uma vaga na academia, acreditou estar salva.

Mas ela logo aprende que uma garota pobre e de pele escura não tem muito valor naquele lugar. Hostilizada pelos professores e colegas, Rin treina com afinco. Com a ajuda de um mestre excêntrico e de substâncias psicoativas, a jovem passa a cultivar poderes xamânicos e a acessar a força incandescente de uma deusa vingativa, a perigosa Fênix.

Quando o conflito com o país vizinho eclode, Rin entende que, para ganhar a guerra, talvez tenha que perder sua humanidade.

Em *A Guerra da Papoula*, R.F. Kuang constrói com maestria um universo de deuses e monstros inspirado na Segunda Guerra Sino-Japonesa, na história militar da China no século XX e na ascensão de Mao Tsé-Tung ao poder. Considerado uma das 100 melhores fantasias de todos os tempos pela revista *Time*, o livro é uma história brutal e comovente sobre uma jovem que deseja salvar sua nação a qualquer custo e as consequências devastadoras da guerra.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1178/>